

472D

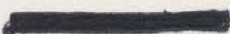
CASAMENTO E MORTE

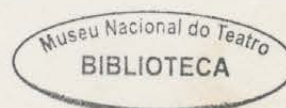
Melodrama em seis pequenos actos

Depois de uma leitura do romance
"O Senhor Deputado" de Júlio Lou-
renço Pinto

Miguel Rovisco

1987

Dedico esta obra ao Dr. Duarte Barroso. 



MNTEATRO 203350

PERSONAGENS:

Amândio

Zulmira

D. Estefânia, sua mãe

D. Sabina, sua tia

Dr. Oliveira

Ana, criada

Uma criada jovem.

Portugal, século XIX.

Nota: o autor aconselha um único intervalo, entre o terceiro e o quarto actos.

PRIMEIRO ACTO

Sala em casa de D. Estefânia.

Amândio e Zulmira. Depois D. Estefânia e Ana.

Amândio está parado no meio da sala; Zulmira dá passos nervosos à sua volta, agitando as mãos.

Zulmira - Se ela nos mata !

Amândio - Acalma-te.

Zulmira (Vai até à porta, espreita... de seguida, sempre agitada.) A mim põe-me na rua.

Amândio - Pxiu !

Zulmira - Filha dela, imperdoavelmente... - e tu ?

Amândio - Eu ? Muito calmo. (Zulmira leva as mãos ao rosto, passeia-se freneticamente.) Pára com isso.

Zulmira - Tu não a conheces, pudera ! A ti mata-te; não saís desta sala com vida.

Amândio - Respeito-a... - minha futura sogra.

Zulmira (Encolhendo os ombros.) Nem eu acredito - que parva fui ! - que venhas a ter coragem para contar-lhe... (Parando diante do jovem.) Terás, Amândio ?

Amândio (Perdendo a calma.) Põe as mãos quietas: parece até que te queimaste com água a ferver...

Zulmira - Já não me amas !

Amândio - Garanto-te: conto-lhe tudo. A ela. À tua mãe. Vim, não vim ? Como combinado.

Estou em tua casa, não estou ? Nada temos a esconder.

Zulmira - Nada ?! Os vestidos começam-me a estar apertadíssimos... (Leva uma mão à barriga. Paísa. Num murmúrio.) Tenho medo. A tua Zulmira tem tanto medo...

Amândio (^Docemente.) Eu nunca te abandonarei. (Poisa-lhe uma mão na barriga.) Seremos os três felizes...

Zulmira (Num impulso.) Amândio ! (Beija-lhe apaixonadamente a boca.)

Amândio (Aflito.) Então... olha se a avó entra na sala.

Zulmira - Que avó ?... ah !

Amândio - A tua mãe, filha.

Zulmira - A criada foi chamá-la, mas como a encontrou a meio das rezas... - sentes-te corajoso ? Tu não és corajoso: estamos perdidos ! (Recomeça o passeio pela sala.)

Amândio (Atrás dela.) Haja o que houver, tens-me a mim.

Zulmira (Chorosa.) ^{Ex} Expulsa desta casa aos olhos de toda a vila - a culpa é tua. Nem sei como aconteceu !

Amândio - Amo-te !

Zulmira - Os homens !

Amândio - Ouve que te amo.

Zulmira - Tu !...

Amândio (Agarra-a por um braço fazendo-a parar.) Tenho o meu emprego para sustentar-nos.

Zulmira - Essa miséria ! (Abraçando-o.) Ai, fomos nós dar tamanha cabeçada !

Amandio - Se a tua mãe aparece e nos vê...

Zulmira - Mais quinze dias e esta barriga denuncia-nos ! Tu ficarás calado: és homem ! Muito fácil enfrentar-se as pessoas quando elas estão ausentes: não nos contradizem. Mal a avó do infeliz...

Amandio - Que infeliz ?

Zulmira (Com raiva.) Mal a minha mãe entre por aquela porta - eu conheço-te ! - , estou mesmo a ver que ficas calado. Conheço os homens, eu !

Amandio - Desculpa que te note, Zulmira, mas não me parece correcto da parte de uma menina gabar-se excessivamente pelo seu conhecimento do sexo oposto.

Zulmira - Se tu mo deste a conhecer !

Amandio - Odeias-me ?

Zulmira - Se te amo tanto ! (Beija-o rapidamente, vai à porta, espreita...) Havemos de ouvi-la quando descer as escadas.

Amandio (Muito sério virado para a porta, como se falasse com a mãe de Zulmira.) Aos olhos do mundo, pequei. Eu não me considero um pecador. Terei pecado ? Amei. Se foi pecado, minha senhora, foi igualmente amor !

Zulmira (Desolada, tirando uma garrafa de um armário.) Ai Amândinho, com poesias não, peço-te, que a mamã começa logo a pensar obscenidades... (Aproxima-se dele.) Bebe, filho.

Amandio (Pegando na garrafa.) É água ?

Zulmira (Perdendo a paciência.) Água, Amândio ? Queres tu aplacar com água a fúria da mi-

nha gravidez quando se souber nesta casa a grande pouca vergonha ? Que desconsolo... -
 bebe-me isto e cala-te e depois abre a boca e seja o que Deus quiser. (Benze-se.) Bebe,
 inspira-te, faz-te corajoso !

Amandio - Se eu já te repeti que sou muito homem para arcar com as consequências dos meus
 actos !

Zulmira - Vês ? Ainda nem bebeste e já estás a falar melhor - bebe ! (O jovem dá um go-
 le pelo gargalo.) Bebe e não peneses.

Amandio (Aflito, com a garganta a arder.) Mas isto é...

Zulmira (Tapando o rosto.) Nem quero olhar para ti: estás completamente desfigurado...
 (Tira-lhe a garrafa.) Não bebas que te faz mal - sentes-te mal ? - , senta-te. (Ele obe-
 dece.) Precisamos de raciocinar. As coisas como elas são. A mãe põe-nos fora de casa, é
 ponto certo, a tia Sabina nem se atreverá a abrir a boca... o que tu ganhas não dá para u-
 ma vida decente, não complices as coisas, eu estou habituada a um nível de vida...

Amandio (Muito abatido.) Com esse raciocínio, nada a fazer !

Zulmira - Trata-se da realidade.

Amandio - A realidade é que eu posso sustentar-te - mais ao meu filho - sem luxos.

Zulmira - Um disparate desses, tu o dizes porque estás bêbado. Já com os vapores ! Tro-
 carei eu esta casa pela miséria do teu salário ?

Amandio - Nunca serei rico...

Zulmira - A menos que jogasses na lotaria espanhola !

Amandio (Admirado.) Hã ?

— Zulmira (Para si.) Estou perdida.

Pausa.

Voz de D.Estefânia (Vinda de fora.) Ó Ana ! (Pausa.) Ana !

Zulmira (Com terror.) Ela ! (Estendendo a garrafa ao jovem.) Mais um gole: bebe, levanta-te, ânimo.

Amândio (Levanta-se e abraça-a.) Eu amo-te dolorosamente.

Voz de D.Estefânia - A passadeira das escadas não está bem segura: pode uma pessoa cair e evitemos desgraças. De tal nos livre Deus !

Zulmira (Abraçada a Amândio, num murmúrio rápido.) Sê forte, sê decidido - sê como eu !
(Vai guardar a garrafa.)

Amândio (Empertigando-se.) Tu verás.

Voz de D.Estefânia - Faça o que lhe mando.

Voz de Ana - Sim, minha senhora.

Pausa longa.

O relógio da sala bate sete horas.

Amândio limpa a boca com um lenço e vê se tem mau hálito. Zulmira recomeça a agitar as mãos.

Entra D.Estefânia.

D.Estefania (Olhando espantada para a filha.) A menina na sala ? (Pausa.) A fazer o quê, explique-me, aqui sózinha...? (Não completa a frase mas percebe-se que seria: "aqui sozinha com um homem ?") Queira retirar-se. (Nova pausa. Para o jovem.) Quanto a ti, rapaz, fiz-te esperar um pouco, bem sei: estava na hora do meu terço. (Cerrando as pálpebras.)
— Deus, Deus, Deus... (Abrindo-as.) Zulmira ! (Aponta para a porta.)

Zulmira vai a sair quando a mãe nota no chão, a um canto,
uma poça líquida.

D.Estefania - E aquilo, que vem a ser ?

Amândio (Com voz sumida.) Não fui eu...

D.Estefania - Deixa-te estar calado, rapaz, que já te atendo.

Zulmira (Aproximando-se da poça.) Deve ter sido o gato, mãe.

D.Estefania (Repete para si.) "O gato, mãe"! (Cerrando as pálpebras.) Zulmira, Zulmira, Zulmira... - vai-me chamar a Ana. Que traga um pano. Que limpe. Rapaz, abre-me essa janela por causa do cheiro. (Para a filha.) A culpa não é do Ribatejano, mas de quem o enervava. Tu implicas com o animal.

Zulmira - Sempre o pêlo a cair !

D.Estefania - Bastou de conversa diante de um estranho: vá a menina chamar a criada.

Zulmira - Como queira... (Passando pelo jovem.) Aqui o Sr.Amândio está cansado de esperar. (Sai.)

Pausa breve.

D.Estefânia (Estendendo um envelope a Amândio.) Como já te informei, rapaz, eu encontrava-me na reza do meu terço: não a iria interromper por tua causa, compreendes. (Pausa.) Ou não compreendes ?

Amândio - Perfeitissimamente, minha senhora.

D.Estefania - Eu sou uma mulher doente mas, graças a Deus, não me posso queixar da minha falta de saúde: há casos piores. Aqui está o envelope com o dinheiro e agradece ao teu pa-